

TEA, DA INFÂNCIA À ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE À LUZ DOS ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO DE PIAGET

Cíntia Rodrigues Araújo Coelho ¹
Raphaela Mendes de Almeida²

RESUMO

Este trabalho apresenta a análise do desenvolvimento de uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista, do nascimento até o início da adolescência, à luz da Epistemologia Genética proposta por Piaget. A pesquisa envolveu a coleta e a análise de dados qualitativos, a leitura e a análise de relatórios processuais e o estudo da bibliografia científica sobre o tema. Para a coleta de dados, utilizou-se a entrevista com a família de um estudante da rede de ensino particular do município de Fortaleza, portador do TEA, do gênero masculino, atualmente com 13 anos, e a leitura dos relatórios anuais feitos pelos profissionais da escola e do centro de referência no qual ele é atendido. O instrumento de entrevista foi estruturado em 4 blocos, de acordo com os estágios de desenvolvimento proposto por Piaget, totalizando um questionário com 35 perguntas. A partir das respostas, verificou-se, em cada estágio do desenvolvimento, quais habilidades foram prejudicadas pelas divergências presentes no TEA. O estudo também envolveu a reflexão sobre o impacto da Intervenção Precoce no processo de aprendizagem e socialização do sujeito participante da pesquisa. Ao finalizar a pesquisa, constatou-se que a complexidade do desenvolvimento das pessoas com TEA pode ser analisada a partir dos pressupostos do desenvolvimento neurobiológico e que as intervenções precoces são essenciais para potencializar o desenvolvimento de pessoas atípicas.

Palavras-chave: TEA, Piaget, Intervenção Precoce.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento complexo, amplo e variável, que tem suscitado inúmeras pesquisas no campo da psicologia do desenvolvimento, desde os últimos anos do século passado. Isso se deve, sobretudo, ao crescimento no número de pessoas com autismo na população mundial e, portanto, um maior interesse em compreendê-lo. Segundo o relatório de 2023 do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), 1 em 36 crianças nos EUA é diagnosticada com TEA, contra 1 em 150 crianças há 20 anos. As hipóteses para o aumento desse diagnóstico são inúmeras, desde uma maior conscientização e mapeamento de pessoas com o transtorno, até outros fatores como

¹ Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Ceará.

² Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará

genéticos e ambientais. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5, o Transtorno do Espectro Autista (TEA)

(...) é caracterizado por déficits persistentes na capacidade de iniciar e manter interação social recíproca e comunicação social, e por uma gama de padrões restritos, repetitivos e inflexíveis de comportamento, interesses ou atividades que são claramente atípico ou excessivo para a idade e contexto sociocultural do indivíduo. O início do transtorno ocorre durante o período de desenvolvimento, geralmente na primeira infância, mas os sintomas podem não se manifestar completamente até mais tarde, quando as demandas sociais excedem as capacidades limitadas. (APA, 2023, p.56)

Nesse sentido, compreende-se que as pessoas com TEA podem enfrentar significativos prejuízos e atrasos em diversas áreas e em diferentes etapas do desenvolvimento, o que torna o reconhecimento precoce dos sinais um fator crucial e decisivo para a oferta de alternativas de suporte ao pleno desenvolvimento desses indivíduos. É importante também ressaltar que suas manifestações podem variar em intensidade e tipo, criando um espectro único para cada indivíduo, desde casos mais leves até formas mais complexas. Isso significa que, por mais que os indivíduos cumpram com critérios mínimos para o diagnóstico e tratamento, há uma heterogeneidade de comportamentos que tornam mais complexo esse transtorno. Nessa direção, o DSM-5 elencou diferentes níveis dentro do espectro que se diferenciam entre si pelos seguintes critérios: funcionamento intelectual, grau de comprometimento do comportamento adaptativo e uso ou ausência da linguagem funcional.

Desse modo, pode-se perceber que há uma variedade tão complexa de condições presentes neste transtorno do neurodesenvolvimento, que até mesmo a palavra espectro torna-se insuficiente para descrever com clareza toda a sua singularidade, o que eleva a importância de um diagnóstico e intervenções precoces, como também impulsiona a necessidade de revisitar os conceitos basilares relacionados ao desenvolvimento cognitivo dos sujeitos, como a teoria da Epistemologia Genética de Piaget, importante referencial teórico na área. Justifica-se a adoção dessa teoria na análise da construção do conhecimento de um indivíduo dentro do espectro autista, por considerar os estágios piagetianos bem definidos e detalhados, por ter como ponto de partida a primeira infância e também por estabelecer uma base sólida para a identificação de padrões desenvolvimentistas que podem servir como suporte para análise e interpretação dessa realidade.

Nesse sentido, essa intersecção é uma ferramenta em potencial capaz de fornecer subsídios para a compreensão das especificidades da aprendizagem de crianças com TEA, pois, a partir da análise das habilidades a serem adquiridas em cada etapa da infância, é possível desenvolver estratégias interventivas mais assertivas e personalizadas, que respeitem

a diversidade presente no espectro e promovam o desenvolvimento integral do sujeito com autismo.

Na busca por compreender a construção e o desenvolvimento do conhecimento humano, Piaget desenvolveu um trabalho interdisciplinar, a partir da ideia de que “o desenvolvimento humano não se realiza de forma linear, mas através de saltos e rupturas, organizados em estágios de desenvolvimento” (PÁDUA, 2009, p.28). E compreendeu que é no plano da ação que se dá essa construção do conhecimento.

Desse modo, de acordo com a Teoria Epistemológica Genética, o conhecimento não é simplesmente adquirido, mas construído ativamente pelo sujeito. Ao se deparar com novas situações, o indivíduo busca adaptar suas estruturas mentais através de dois processos complementares: a assimilação, que consiste em incorporar novas informações a esquemas já existentes, e a acomodação, que envolve a modificação destes esquemas para dar conta de novas experiências. A busca por um equilíbrio entre esses dois processos, chamada de equilíbrio, é o motor do desenvolvimento cognitivo (PÁDUA, 2009). Nesse sentido, Piaget (2016) sugere quatro estágios de desenvolvimento do conhecimento, nos quais as estruturas mentais se tornam cada vez mais complexas e sofisticadas, permitindo ao indivíduo compreender o mundo de forma cada vez mais abrangente e abstrata.

No estágio sensório-motor, delimitado de 0 a 2 anos, a criança explora o mundo através dos sentidos e das ações, no qual a exploração ativa do ambiente é fundamental para o seu desenvolvimento cognitivo. Essa percepção está centrada, sobretudo, no próprio corpo, através da visão, do tato, do paladar, do olfato e da audição. É nessa fase que se constrói a representação do mundo, antes mesmo da linguagem. É importante ressaltar que esse estágio tem significativa importância no espectro autista. Pieczarka (2017), em suas pesquisas sobre o TEA, enfatiza que o autismo pode ser compreendido como uma desordem que afeta a forma como o cérebro processa as informações sensoriais. Segundo a autora, em vez de integrar as informações provenientes dos diferentes sentidos, o cérebro de pessoas com autismo pode processar cada sentido de forma isolada. Essa fragmentação sensorial dificulta a construção de um significado coeso a partir das experiências sensoriais, um processo fundamental para a adaptação ao ambiente. Essa perspectiva, que se enquadra nas teorias que enfatizam as diferenças neurobiológicas do autismo, ajuda a explicar algumas das dificuldades enfrentadas por pessoas com essa condição, como a hipersensibilidade ou hiposensibilidade a estímulos sensoriais, a dificuldade em se concentrar em ambientes com muitos estímulos e a busca por rotinas e previsibilidade.

O estágio pré-operacional, compreendido entre os 2 e os 7 anos, é caracterizado pelo desenvolvimento da linguagem e do pensamento simbólico. A criança passa a utilizar palavras e gestos para representar objetos e eventos ausentes, mas seu pensamento ainda é intuitivo e limitado pelo egocentrismo. De acordo com Piaget (2016), nesse estágio, a imitação pré-verbal desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo do indivíduo, pois é através dela que a criança começa a construir representações simbólicas do mundo. Ao imitar os gestos e sons dos outros, a criança está, na verdade, atribuindo significado a esses comportamentos e internalizando-os. Essa capacidade de representação é fundamental para o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da capacidade de brincar de faz de conta e também da socialização e do contato com regras sociais. Na realidade do TEA, essa fase é fundamental não somente para o desenvolvimento da linguagem, porque ela possui também um aspecto afetivo e social muito importante que oportuniza a criança autista a experimentar jogos sociais, considerando que para esta é uma tendência o desinteresse e a passividade em interagir com o outro.

O estágio operatório concreto, estabelecido entre os 7 e os 11 anos, representa um marco importante no desenvolvimento cognitivo, por trazer a transição de um pensamento egocêntrico, intuitivo e sensorial para um pensamento mais lógico e operacional. Portanto, esse egocentrismo começa a ser superado, permitindo que a criança compreenda que outras pessoas podem ter perspectivas diferentes da sua. Nessa fase, ela consegue entender conceitos como conservação de quantidade e classificação; desenvolve noções de tempo, espaço e movimento. E inicia o desenvolvimento da capacidade de reversibilidade, ou seja, passa a refletir sobre as consequências de seus atos antes de agir.

O último estágio descrito é o estágio operatório formal, iniciado aos 12 anos, fundamental para o desenvolvimento da personalidade, pois é nesse período que os adolescentes constroem seus valores, crenças e projetos de vida, buscando um equilíbrio entre suas diversas identidades. Para Piaget (2016), o sujeito nessa fase

[...]coloca-se em igualdade com seus mais velhos, mas sentindo-se outro, diferente deles, pela vida nova que o agita. É este o motivo pelo qual os sistemas ou planos de vida dos adolescentes são, ao mesmo tempo, cheios de sentimentos generosos, de projetos altruístas ou de fervor místico e de inquietante megalomania e egocentrismo consciente (PIAGET, 2016, p.62).

Nesse processo, adquire-se também a capacidade de pensar de forma abstrata e hipotética, o que permite ao sujeito realizar operações mentais sem a necessidade de objetos concretos. Essa habilidade é fundamental para a resolução de problemas complexos, para o

desenvolvimento do pensamento científico e da capacidade de planejar o futuro. Ao construir hipóteses e deduzir consequências, os adolescentes podem resolver problemas de álgebra, pensar sobre questões filosóficas e considerar diferentes perspectivas sobre um mesmo problema. Portanto, apesar dessa teoria não ser e nem pretender ser uma base universal para a compreensão do desenvolvimento humano, compreende-se que, a partir da observação e comparação de pontos de contato e divergência entre sujeitos de desenvolvimento cognitivo típico e atípico em diversas fases da vida, é frutífera a construção de propostas educativas e interventivas que minimizem os impactos do TEA, ao longo da vida. Levando em consideração o papel da interação social no desenvolvimento e na aprendizagem da criança com TEA com a família e com o meio social, destacamos a importância da intervenção precoce como um mecanismo indispensável para desenvolver suas capacidades futuras.

Entende-se como Intervenção Precoce um

Conjunto dinâmico de atividades e de recursos humanos e ambientais incentivadores destinados a proporcionar à criança, nos seus primeiros anos de vida, experiências significativas para alcançar pleno desenvolvimento no seu processo evolutivo. (BRASIL,1995 apud PINTO, 2015 ,p.107).

Portanto, quando iniciadas na primeira infância, as intervenções precoces tendem a ser mais eficazes e duradouras do que aquelas iniciadas em idades mais avançadas, E por se tratar de um processo multidisciplinar, otimiza o desenvolvimento global, promovendo a interação social, a comunicação e o desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida, como a autonomia. Nessa perspectiva, Piaget (2016) explica que o desenvolvimento é um processo relacionado a todas as estruturas do conhecimento, já a aprendizagem não é algo espontâneo e essencialmente orgânico, mas é provocada por situações externas, com influência da maturação cognitiva do sujeito. Essa ideia pressupõe a plasticidade cerebral, e indica, então, que a criança, incluindo aquelas com TEA, são aprendizes ativas e capazes de alcançar grandes progressos quando recebem o apoio adequado. E por isso, investir em programas de intervenção precoce, com caráter multidisciplinar, se torna um aliado eficaz na criação de condições e suporte ao desenvolvimento de crianças atípicas.

No entanto, para que isso seja possível, é primordial tanto as práticas preventivas, quanto o diagnóstico precoce e a presença constante da família nesse processo interventivo, como avalia Pinto (2015)

Os principais resultados da Intervenção com a família dizem respeito ao aumento da capacidade dos pais para lidarem com o problema da criança, que leva necessariamente à redução do stress familiar. Estes factores aparentam desempenhar

um papel importante no sucesso dos programas de intervenção junto da criança (PINTO, 2015, pg.106)

Assim, uma equipe multiprofissional desempenha um papel crucial ao oferecer suporte à família, compartilhando informações, esclarecendo dúvidas e colaborando na construção de um plano de cuidados individualizado para a criança autista. A partir dessa ótica, busca-se aqui apresentar uma pesquisa qualitativa que visa analisar o desenvolvimento e a aprendizagem de um indivíduo com TEA (Transtorno do Espectro Autista) à luz da Epistemologia Genética proposta por Piaget. Com isso, almeja-se utilizar uma perspectiva de base biológica para compreender como as características do TEA podem interferir na aquisição das habilidades previstas para cada estágio do desenvolvimento. Também está presente a reflexão sobre o impacto da Intervenção Precoce Multiprofissional no processo de interação entre o sujeito com TEA e o mundo que o cerca.

METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa envolveu a coleta e a análise de dados qualitativos, a leitura e a análise de relatórios processuais e o estudo da bibliografia científica sobre o tema. Para a coleta de dados, utilizou-se a entrevista com a família de um estudante da rede de ensino particular do município de Fortaleza, portador do TEA, do gênero masculino, atualmente com 13 anos, e a leitura dos relatórios anuais feitos pelos profissionais da escola e do centro de referência no qual ele é atendido. O instrumento de entrevista foi estruturado em 4 blocos, de acordo com os estágios de desenvolvimento proposto por Piaget (2016), totalizando um questionário com 35 perguntas. É válido salientar que o critério usado para a escolha do respondente a essa entrevista foi o grau de familiaridade e acompanhamento à pessoa com TEA em análise e foi pontuado e esclarecido o objetivo da pesquisa e sua relevância para a assistência a crianças com autismo.

A interpretação dos dados ocorreu através de uma interlocução dos dados coletados com os estágios de desenvolvimento presentes na teoria da Epistemologia Genética de Piaget. Assim, foi possível identificar quais características e manifestações do TEA interferiram no desenvolvimento das habilidades específicas de cada estágio. Também verificou-se como e em que proporção as intervenções multiprofissionais às quais o estudante teve acesso foram efetivas e colaboraram para o seu desenvolvimento acadêmico e social. Na apresentação dos dados e discussões dos resultados, foi utilizada a denominação V.J. para referir-se a esse estudante, no intuito de preservar a confidencialidade das informações apresentadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que concerne aos resultados, as análises e discussões dos dados coletados levaram em consideração a premissa da heterogeneidade fenotípica do TEA, ou seja, consideraram as combinações singulares e particulares de habilidades e desafios apresentadas pelo sujeito escolhido para compor esse trabalho. O estudante V.J. foi diagnosticado com TEA aos 3 anos de idade, com apoio de uma equipe multidisciplinar da área de saúde. Compreendeu-se que a revelação diagnóstica foi um momento complexo e desafiador para a família, mas que tornou essa etapa crucial para a construção de um modelo de intervenção precoce mais efetivo. O diagnóstico de V.J. indicou TEA- Nível 1 de suporte, com CID 6A02.0: Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional.

Na primeira etapa da pesquisa, foi aplicado um questionário, com a família de V.J, organizado em 4 blocos, de acordo com os quatro estágios de desenvolvimento propostos por Piaget, conforme quadro a seguir:

Estágio Sensório-Motor (0 a 2 anos)

Houve alguma intercorrência ao nascer?

A alimentação era regular?

Apresentava distúrbios do sono?

Era inquieto ao extremo ou apático demais?

Apresentou dificuldades para sentar, engatinhar e andar?

Demonstrava curiosidade pelo funcionamento dos brinquedos?

Como foi o desenvolvimento da linguagem oral?

Apresentou sensibilidade sensorial durante a introdução alimentar e/ou no início da locomoção autônoma?

Estágio Pré-Operatório ou Simbólico (2 a 7 anos)

Reagia de forma positiva a estímulos audiovisuais?

Demonstrava predileção por um único estímulo audiovisual?

Interagia bem com os cuidadores, realizando brincadeiras de imitação?

Compreendia expressões faciais?

Como foi o desenvolvimento da linguagem funcional?

Como ocorreu a interação social com os pares?

Realizava brincadeiras de representação?

Apresentou dificuldades motoras, como correr ou praticar esportes?

Apresentou refinamento das condutas sociais?

Estágio Operatório Concreto (7 a 12 anos)

Apresentou dificuldades no processo de alfabetização?

Teve dificuldades para assimilar questões de tempo e espaço?

Como foi o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático?

Compreendia metáforas e linguagem simbólica?

Apresentou dificuldades de adaptação?

Diversificou suas preferências (alimentares, culturais, sociais)?

Demonstrou reações exageradas às mudanças corporais?

Apresentou refinamento das condutas sociais?

Aprimorou as habilidades motoras?

Estágio das Operações Formais (11 a 16 anos)

Apresenta raciocínio lógico-dedutivo?

Realiza argumentações coerentes?

Compreende a ordem social e o meio em que vive?

Demonstra empatia pelo sentimento alheio?

Demonstra medo ou necessidade de aceitação pelos pares?

Reflete sobre o futuro de forma conceitual?

Aprimorou as habilidades motoras?

Demonstra preocupação com aspectos físicos?

Aprimorou o autocuidado?

A partir dos dados coletados nas respostas da família ao questionário proposto, foi realizado um cruzamento dialógico entre as características principais de cada estágio de desenvolvimento sugeridas por Piaget (2016). Nesse sentido, identificou-se quais as dificuldades ou comprometimentos que V.J. apresentou ao longo da sua trajetória em cada uma dessas etapas até o momento de coleta desses dados.

Observou-se que no Estágio Sensório-Motor, ocorreu um comprometimento significativo na sensibilidade sensorial. V.J. dava respostas incomuns a estímulos sensoriais, como irritabilidade excessiva e um alto grau de seletividade alimentar relacionada à textura dos alimentos. Ainda nessa etapa, foi relatado também dificuldades em realizar uma rotina de sono e a presença de desinteresse pela funcionalidade dos brinquedos, limitando-se a seriar e organizar. Esses prejuízos ou diferenças sensoriais geraram problemas significativos no funcionamento adaptativo geral, e, sobretudo, no campo social e afetivo. Quanto ao seu desenvolvimento motor específico desta fase, não foram identificados atrasos e as ações esperadas ocorreram no tempo previsto. V.J. não apresentou dificuldades para sentar, engatinhar ou andar e nem comportamentos repetitivos e estereotipados. No entanto, costumava caminhar na ponta dos pés, possivelmente, resultante de sua rejeição por determinadas texturas, como a areia, mas provavelmente também, em razão de uma instabilidade de postura e coordenação motora, comuns em indivíduos com TEA, mesmo que sutis, como apontam algumas pesquisas na área.

Para Piaget (2016), a passagem para o Estágio Pré-Operatório está relacionada ao desenvolvimento da linguagem, à compreensão do jogo simbólico, à imitação pré-verbal e à socialização, elementos de grande relevância no processo de desenvolvimento da inteligência e, conseqüentemente, da aprendizagem. Essa foi uma das fases mais desafiadoras para V.J. e sua família, em decorrência, principalmente, da sua tendência passiva com o ambiente social. Ele demonstrou profundo desinteresse em interagir, em estabelecer e manter relações sociais, como também, dificuldades em compreender e compartilhar emoções, o que resultou em um isolamento social no ambiente escolar e, conseqüentemente, prejuízos na sua aprendizagem e no seu desenvolvimento psicomotor. Esse é um marcador muito comum em crianças com TEA que exige atenção e esforços compartilhados entre a família e a equipe multidisciplinar. Outro aspecto observado nessa fase, comparado a crianças típicas, foi uma menor frequência na participação de brincadeiras de representação. V.J. não demonstrou interesse pelos jogos simbólicos, pelas atividades de faz de conta, apesar dos constantes estímulos da família e de ser provocado a estar em ambientes com outras crianças. Demonstrou também dificuldades com a linguagem funcional, embora a verbalização fosse fluida e sem comprometimentos fonológicos. Conforme destaca Pinto (2015), é nessa fase que se introduz

o mundo da moralidade, ou seja, nesta fase a criança entra no mundo dos valores, das regras, das virtudes e das noções de certo e errado. Este fato é importante porque não se pode falar em moral no estágio anterior. Piaget acredita que (...) apesar de saber diferenciar regras condicionadas pela natureza

das normas morais ou sociais, ela não compreende o sentido de tais regras(PINTO, 2015, p.31)

Nesse sentido, na análise dos dados, identificou-se que V.J. apresentou, no estágio pré-operatório, desvio na compreensão das regras sociais, fazendo com que tivesse dificuldade em aceitá-las e usá-las de forma socialmente adequada. É importante ressaltar que esse comportamento pode ter tido influência não somente do desenvolvimento atípico do estudante em análise, mas também da presença do princípio do egocentrismo de Piaget, descrito, em resumo, como a dificuldade em coordenar pontos de vistas diferentes do seu.

O próximo estágio analisado foi o Estágio Operatório Concreto, etapa em que experimentou dificuldades significativas. Nessa fase, a família de V.J avaliou que o processo de alfabetização realizou-se dentro do esperado. Destacou-se na fluência leitora, no entanto, apresentou dificuldade moderada na comunicação escrita. Sua interpretação das situações e fatos ocorreu de forma literal, indicando entraves em compreender metáforas e textos figurativos. Suas experiências de interação ainda foram limitadas a pessoas mais próximas ao seu cotidiano, demonstrando pouca tolerância à frustração e a novas experiências. Sob a perspectiva de Piaget (2016), esse não avanço no jogo social e afetivo, que era previsto para esse estágio, é preocupante, já que o desenvolvimento da inteligência pressupõe a presença da afetividade e das interações sociais. Além disso, V.J. não demonstrou aptidão para lidar com noções de tempo e espaço, indicou dificuldades com abstração dos conceitos matemáticos e avançou pouco na capacidade de diversificar suas preferências alimentares e culturais.

Em seguida, analisou-se a performance de V.J. na sua inserção na fase do desenvolvimento do raciocínio hipotético-dedutivo, da autonomia e do pensamento para o futuro: o Estágio Operatório Formal. Conforme Piaget (2016),

O pensamento formal, é portanto, “hipotético-dedutivo”, isto é, capaz de deduzir as conclusões de puras hipóteses e não somente através de uma observação real. Suas conclusões são válidas, mesmo independentemente da realidade de fato, sendo por isto que esta forma de pensamento envolve uma dificuldade e um trabalho mental muito maiores que o pensamento concreto (PIAGET, 2016, p.56).

Nessa fase, a família relatou que V.J. apresentou um bom desenvolvimento na capacidade de explicar o que observava, através do raciocínio de hipóteses e não somente de objetos, conseguindo utilizar coerência na argumentação. Por ser a fase que coincide com a chegada da adolescência, V.J. passou por grandes mudanças físicas, que não foram muito bem acomodadas quando, identificou-se o pouco interesse por sua imagem, muito aquém do

esperado para essa fase, com dificuldade em compreender o funcionamento do corpo no que se refere à puberdade, Outro aspecto observado foi o desenvolvimento da sua autonomia para o autocuidado: sob orientação da família, ele conseguiu progredir moderadamente nesse item. Nesse estágio, o adolescente é capaz de construir hipóteses também sobre o futuro e ter maior consciência de si e dos outros. Quanto a essas características, notou-se que o adolescente em análise conseguiu compreender e visualizar a ideia de futuro de forma concreta, ainda sem planejamento de metas, porém, tendo maior clareza da existência desse elemento para seu desenvolvimento futuro. Por sua vez, obteve um avanço considerado no uso das concepções de causalidade e reversibilidade, porém, manteve a dificuldade em compreender e ter empatia pelo outro e seus sentimentos.

É preciso considerar que essa trajetória aqui descrita desencadeou alterações na vida familiar e, assim, uma intensa necessidade de apoio e acompanhamento profissional da criança para seu pleno desenvolvimento. E nesse sentido, vale ressaltar que a redução do impacto do diagnóstico do TEA tanto na família quanto no estudante em questão, só foi possível mediante a presença e a atuação de uma equipe multiprofissional focada em estruturar programas de intervenção que, fossem capazes de personalizar técnicas que atendessem às particularidades desta família em cada estágio de desenvolvimento. Esse apoio multidisciplinar iniciou-se a partir do diagnóstico de V.J. aos três anos de idade, através de intervenções precoces, e perdura até os dias de hoje, com apoio de uma equipe formada por psicopedagogo, psicólogo, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, psicomotricista e educador físico. Conforme Pinto (2015),

(...)a Intervenção Precoce tem como objetivo favorecer a interação e a comunicação com a família e a escola; desenvolver a criança nos aspectos psicoafetivo, social, motor, perceptivo, sensorial e cognitivo; orientar a prática da vida diária e apoiar a família nos cuidados com essa criança (PINTO, 2015,p.107).

Portanto, com esse recurso, a família de V.J. pode adquirir conhecimentos e ferramentas para auxiliá-lo a desenvolver habilidades, superar desafios e alcançar sua máxima autonomia. Essa parceria, além de beneficiar a pessoa com autismo, vem proporcionando a sua família mais segurança, empoderamento e qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões e resultados obtidos nesta pesquisa, pode-se compreender que a Teoria Epistemológica de Piaget, com seus estágios de desenvolvimento, é apropriada e

pertinente para a investigação de como se realiza o desenvolvimento do conhecimento e da aprendizagem de uma pessoa com TEA, com suas particularidades e desafios. Essa abordagem pode contribuir para a ampliação do debate e do estudo acerca dos desvios e prejuízos cognitivos, sociais e afetivos das pessoas atípicas, em comparação a pessoas com desenvolvimento neurotípico, de modo a favorecer a elaboração de mecanismos e estratégias interventivas, capazes de fornecer a pessoas com TEA e suas famílias melhores condições de superar os desafios, dando-lhes alternativas de administrar as divergências presentes nessa condição.

Através da trajetória de V.J, foi possível confirmar a prerrogativa de Piaget sobre a importância da interação social no desenvolvimento humano, pois verificou-se que essa habilidade quando não é bem desenvolvida na etapa apropriada, pode somar dificuldades nas etapas subsequentes. E por fim, constatou-se que, apesar da complexidade do desenvolvimento das pessoas com TEA, é necessário considerar suas características não exclusivamente na perspectiva das dificuldades, mas sob a ótica das potencialidades a fim de proporcionar estratégias que possibilitem o seu pleno desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5 Porto Alegre: Artmed, 2023.

ALMEIDA, M.S. Aumento exponencial de casos de Autismo no mundo. Instituto Inclusão Brasil, 2024. Disponível em:<<https://institutoinclusaobrasil.com.br/aumento-exponencial-de-casos-de-autismo-no-mundo/>>. Acesso em: 21 de setembro de 2024.

PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva - 25º Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

PÁDUA, G. L. D.. A epistemologia genética de Jean Piaget. Revista FACEVV, vol. 1., 2009. Número 2. p. 22-35.

PIECZARKA, T.. O desenvolvimento do transtorno do espectro autista: considerações a partir de Piaget. – Curitiba, 2017.

SANTOS, G.; RIBEIRO, R. R. R.; SAMPAIO, R.; PINTO, S. E. L. (orgs). Inclusão: saberes, reflexões e possibilidades de uma prática em construção. Fortaleza, EdUECE, 2015.